

SS Manifesta

Dia Internacional da Mulher

Brasília (DF), 8 de março de 2015

Gestão Tecendo na luta a manhã desejada

CFESS
CONSELHO FEDERAL
DE SERVIÇO SOCIAL

www.cfess.org.br



EU SOU ASSIM:
O GRITO QUE
RECLAMA A PAZ

“Eu sou a mãe da praça de maio
Sou alma dilacerada
Sou Zuzu Angel, sou Sharon Tate
O espectro da mulher assassinada
Em nome do amor!”(*)

“No ano de 1964, fui presa e permaneci por algum tempo nos grilhões da ditadura; fui colocada no pau de arara; apanhei de palmatória; levei choques elétricos em minha vagina e em meus mamilos; tive minha arcada dentária quebrada; zombaram do leite materno que insistia em escorrer do meu peito; desapareceram com meu filho; fui estuprada mais de vinte vezes... a história contada da ditadura é uma história masculina, por isso, é preciso gritar, soltar as correntes, reverberar o verbo preso na garganta. Minha pele estremece e treme ao se lembrar desses tempos idos. Naquelas infundáveis madrugadas, eu já cansada de olhar, morria um pouco”.

“Em novembro do ano passado, tomava um café com minha companheira na frente de um posto de gasolina, quando resolvemos sair de mãos dadas pela rua. Deixei-a na parada de ônibus e segui a pé para o trabalho. Não havia reparado que estava sendo seguida na rua por um motoboy que estava terminando uma entrega por ali perto. Ao chegar mais perto, o homem de 1,80m iniciou uma sequência de xingamentos, inclusive com gritos de ‘tu achas que é homem? Vou te dar um corretivo para tu saberes o que é bom’. Cansada de ouvir tantos desaforos, resolvi reagir e questionei a atitude daquele homem. Isso foi o bastante para que ele me encurralasse, me jogasse no chão, me violentasse e me desse infinitos e dolorosos socos e pontapés, que me doeram na alma, já algemada e cansada de tanto ser”.

“Eu sou a moça violentada
Sou Mônica, sou a Cláudia
Eu sou Marilyn, Ainda sou
A dona de casa enjaulada
Sem poder sair!”(*)

“Eu sou assim
Sou o grito que reclama a paz
Eu sou a chama da transformação
Sorriso meu, meus ais”(*)

“Dei entrada no hospital público de minha cidade às 4h, com fortes dores e sangrando muito. Tenho 37 anos, sou mãe solteira de três filhos pequenos (com idades entre um e quatro anos de idade). Venho de uma história de abandono pelos pais das crianças e estou desempregada há 5 anos, quando trabalhava como empregada doméstica. Tenho somente o primeiro grau incompleto e vivo de pequenos bicos, esmolos e furtos para sobreviver. Quando me descobri grávida, fiquei desesperada e, num ímpeto, consegui um remédio para abortar, de uma amiga prostituta daqui da periferia. Como ninguém quis me ajudar, coloquei o remédio na vagina de forma errada e isso me causou um sangramento que não parava. A médica que me atendeu chamou um policial para me prender, por ter feito um aborto. Tentei sim fazer um aborto, não tinha mais para quem recorrer e sei que vou pagar por isso”.

“No início, ele era muito atencioso, fazia declarações, mandava flores. Quando nos casamos, eu tinha 21 anos e ele 38 anos. Depois de um tempo, ele começou a se mostrar. Tinha um ciúme exagerado e um controle de todos os meus passos. As agressões não tardaram a começar. Eram tapas, empurrões, socos na cabeça, no rosto e nas costas. Quando chegava bêbado em casa, ele se transformava. Atacava-me, querendo me enforcar; no outro dia, me pedia desculpas e prometia que não faria mais isso. Como não parava, fui a uma delegacia perto da minha casa. Quando cheguei lá, a primeira coisa que o delegado perguntou foi: o que você fez para merecer isso? Disse para eu voltar para casa e tentar me acertar com meu marido. Quando cheguei da delegacia, ele avançou em mim, me jogou gasolina e me ateou fogo. Sobrevivi graças aos meus vizinhos, que vieram me socorrer. Ele fugiu. Hoje sou uma mulher completamente dilacerada, transmutada e isolada do mundo”.

“Ainda sou a operária
Doméstica, humilhada
Eu sou a fiel e safada
Sou o feitiço, sou a feiticeira
Sou a que cedeu ao patrão
Sou a solidão
Eu sou assim!”(*)

As cenas anteriores, apesar de não terem sido relatadas especificamente por alguém, refletem a dura e violenta realidade vivida pelas mulheres no Brasil. Uma violência machista, que, apesar de atingir as mulheres em geral, na sociedade capitalista, se concentra principalmente na classe trabalhadora, negra, pobre e moradora da periferia.

Esses relatos e, portanto, fatos, são frutos de uma sociedade que se constrói por meio de uma perspectiva machista, misógina, heteronormativa, que se naturaliza e se determina pelo patriarcado e pela propriedade privada. Diariamente, mundialmente e a todo momento, milhares de mulheres são subjugadas a algum tipo de violência, seja física, moral ou psicológica, por homens que acreditam deter uma "supremacia" que submete estas mulheres ao poder machista instituído "naturalmente" por esta sociedade de classes.

Com relação ao aborto, há, segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), um milhão de abortos clandestinos e 250 mil internações por complicações por ano. Esses dados alarmantes nos aproximam de um genocídio contra a população feminina e pobre.

O relógio do tempo é implacável!

Como é inaceitável cada morte dessas por meio da violência impetrada contra as mulheres!

De acordo com a OMS, houve um crescimento absurdo de agressões físicas, sexuais, torturas e assassinatos. Os dados mostram que o Brasil encontra-se na 7ª posição entre os países com os maiores índices de homicídios femininos.

As estatísticas têm demonstrado que pelo menos 70% das vítimas de assassinato são mortas pelos próprios companheiros. No Brasil, a cada 15 segundos, uma mulher é espancada e, a cada duas horas, uma é assassinada. Dados do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (Sinan) mostram o tamanho dessa violência, pois só em 2014 foram notificados 161.146 casos de violência contra a mulher. De acordo com dados do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, em cinco anos, os registros de estupro no país aumentaram 168%.



Vivemos em um conflito armado, sitiados em favelas e periferias. A violência contra a mulher atinge contornos inimagináveis. A cada intervalo de 28 horas, um gay ou lésbica ou travesti é assassinado no Brasil. A mídia tem atuado reforçando pensamentos e práticas conservadoras e discriminatórias, por meio de falsas divisões, entre os do bem contra os do mal; os superiores contra os inferiores; os puros contra os pecadores, produzindo, no seio da própria classe trabalhadora, uma cisão e que, por meio do preconceito, perpetua-se a lógica da dominação e opressão.

O que essas histórias têm em comum? São resultados de uma sociedade patriarcal, machista e capitalista, em que, diariamente, em diversos pontos do mundo, a todo momento mulheres são subjugadas a algum tipo

de violência, seja física, moral, patrimonial ou psicológica.

É preciso dizer ainda que as iniciativas de resistência possibilitaram que essas mulheres tivessem políticas públicas e leis voltadas à sua proteção integral. A contínua mobilização das mulheres exigiu do Estado respostas que viessem dar visibilidade à dura realidade vivida, como também proteção e punição aos agressores. A criação das Delegacias Especializadas de Atendimento às Mulheres (Deam) em 1985; dos Juizados Especiais Cíveis e Criminais (Jecrim) em 1990; da Secretaria Especial de Políticas para Mulheres em 2003 e da Lei Maria da Penha em 2006, foram conquistas que precisam arduamente e cotidianamente se efetivarem, sob pena de se constituírem em espaços meramente institucionalizados.

Portanto, perguntamos: até quando?

Até quando as mulheres caminharão nas ruas com medo do assédio, da cantada naturalizada e dos olhares invasivos?

Até quando serão violentadas pelo simples fato de terem nascido mulheres? Até quando seus corpos serão sinônimos de pedaços de carne disponível para consumo?

Isso tudo, porque tentam, na luta diária, a garantia efetiva de seus direitos, da autonomia de seus corpos e da sua sexualidade, invertendo dessa forma a lógica imposta pela sociedade patriarcal.

Nesse sentido, devemos lutar pela garantia de direitos a todas as mulheres. Direito à cidade, à autonomia de seus corpos, à sua sexualidade e à vida. É dever continuarmos nas trincheiras em prol de políticas públicas que se comprometam com o fim da violência contra as mulheres, contra o assédio, contra o machismo, contra a cultura do estupro, que culpabiliza essas mulheres, e, por fim, contra a sociedade patriarcal, que perpetua seus mecanismos de exploração e opressão.

A luta contra a violência de mulheres é de todas/os, homens e mulheres trabalhadores e trabalhadoras, pois perpassa a construção de uma nova sociabilidade, em que não haja mais opressão e exploração humana e na qual possamos construir novas formas libertárias de ser e viver.



CFESS
CONSELHO FEDERAL
DE SERVIÇO SOCIAL

SCS Quadra 2, Bloco C,
Edf. Serra Dourada,
Salas 312-318
CEP: 70300-902
Brasília - DF
Fone: (61) 3223.1652
Fax: (61) 3223.2420
cfess@cfess.org.br

Gestão Tecendo na luta a manhã desejada (2014-2017)

PRÉSIDENTE Maurílio Castro de Matos (RJ)
VICE-PRÉSIDENTE Esther Luíza de Souza Lemos (PR)
1ª SECRETÁRIA Tânia Maria Ramos Godoi Diniz (SP)
2ª SECRETÁRIA Daniela Castilho (PA)
1ª TESOUREIRA Sandra Teixeira (DF)
2ª TESOUREIRA Nazarela Rêgo Guimarães (BA)

CONSELHO FISCAL
Juliana Iglesias Melim (ES)
Daniela Neves (DF)
Valéria Coelho (AL)

SUPLENTE
Alessandra Ribeiro de Souza (MG)
Josiane Soares Santos (SE)
Erlenia Sobral do Vale (CE)
Lilian da Silva Gomes Melo (AM)
Marlene Merisse (SP)
Raquel Ferreira Crespo de Alvarenga (PB)
Maria Bernadette de Moraes Medeiros (RS)
Solange da Silva Moreira (RJ)
Hirley Ruth Neves Sena (MS)

CFESS MANIFESTA
Dia Internacional da Mulher
Conteúdo (aprovado pela diretoria):
Daniela Castilho e Nazarela Rêgo
Assessoria de comunicação:
Diogo Adjuto - JP/DF 7823
Rafael Werkema - JP/MG 11732
Revisão: Diogo Adjuto
Arte/diagramação: Rafael Werkema